



# REVISTA DO MINHO

Para o estudo das  
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XXIV  
N.º 19

CANÇÕES POPULARES  
DE

VILLA DO CONDE

Recolhidas por

JOSÉ DA SILVA VIEIRA

(Cont. de pag. 136, vol. XIV)

## Matar o bicho!...

Em todas as cidades, villas, aldeias, e povos; finalmente, por toda a parte do mundo se usa dizer, principalmente pela manhã: «Vamos matar o bicho!» mas naturalmente a maior parte usa dizel-o sem saber a proveniencia e por isso, para os inconscientes, ahi vaõ a causa da phrase tão vulgar:

Diz um alfarrabio que nos principios do seculo XVIII, appareceu em Hespânia uma molestia «mysteriosa», que a medicina não ponde debellar. No fim de muitos estudos nos cadaveres, descobriu-se nos intestinos d'um, um «verme» com vida. Era o «bicho» a causa da molestia. Restava encontrar um meio de o matar. Lançaram-n'o em differentes liquidos, mas d'elles sabia sempre com mais vitalidade. Até que, finalmente, lembraram-se de o metter em aguardente e o «bicho» morreu instantaneamente. D'ahi veio o meio de debellar o mal.

De fôrma que d'essa epoca para cá, todos tratam de «matar o bicho»: uns pela manhã, outros á noite e alguns quando calha, sr. prior!...

## Fragmento

.....  
O frade que amigo era,  
Era amigo da irmãzinha,  
Passava-lhe a mão por baixo,  
Mais por baixo, mais por cima...  
Que é isto minha filha,  
Que é isto filha minha?  
.....

## Conto

Era de uma vez uma mulher casada, que tinha o marido no Brazil, e pensando ella que elle tinha morrido, por ha muito não ter tido noticias suas, pegou e casou-se segunda vez; e tendo ella casado ha pouco tempo, appareceu-lhe o primeiro homem pela porta dentro e começou a rallar com ella. Mas, ao fim, accordaram em um contrato os dois

maridos:—de um governar na mulher da cinta para cima e o outro da cinta para baixo. Ficou o primeiro a governar da cinta para cima e o segundo da cinta para baixo. Mas vae ao *dispois* ella teve um filho do segundo homem; e como o primeiro governasse da cinta para cima não deixava dar de mamar a mãe ao filho. Porém, como não podessem de forma alguma harmonisar segundo contrato, o segundo homem pediu a Deus que nascessem *mamas no cú da mulher*. E acabou-se a historia.

FIM.

## Os tres desejos

Conto

( *Conclusão* )

Lucifer interrompeu-o:

—Dizes que ganhavas sempre e nunca fizeste batota. Conta isso á tua avó. E' coisa que ainda se não viu nem nunca se verá.

—Peço perdão: se nunca o viste podes vel-o agora. Ha por ahi algum baralhinho á mão?

E o diabo, que para condemnar almas, inventou as cartas, que em todos os tempos tem produsido a endemoninhada paixão do jogo e que a sua gloria, é que os jogadores se convertam em ladrões, respondeu com ironica complacencia:

Vejo que és um innocentinho. Quem é que se lembra de perguntar se ha baralhos no inferno? E' aqui precisamente onde elles se fabricam, aqui onde se talham os moldes. Não ha inconveniente, jogaremos uma partidinha, e verás o que é bom. Mas antes, preciso saber a que jogas tu? Porque jogar para «leite de cabra,» não tem graça nenhuma.

—Não tenho nada que jogar, disse o carpinteiro. Só se jogar a alma. Convém-te?

—Está dito. Jogaremos a tua alma.

Um diabinho negro como azeviche, trouxe um baralho e entregou-o respeitadamente ao rei dos infernos. Os dois jogadores tomaram assento e baralharam. O carpinteiro era mão; o diabo cortou as cartas e começou a partida.

A Morte fazia de «mirone», seguindo com interesse as peripecias do jogo. Nem Lucifer, nem o carpinteiro se descuidavam. A partida foi muito renhida. Quem ganhou? Quem havia de ganhar? O carpinteiro.

Os diabos assustados, sumiram-se no abysmo, e Lucifer levantando-se, disse:

—E' a primeira vez, que não estou de lei. Pódes gloriar-te do teu triumpho. Vae-te, que Deus te favoreça e não tornes a apparecer mais por aqui.

A Morte colheu de novo a sua carga e com ella subiu ao Paraiso. Deixou-a no humbral da porta; e rapida como o raio, voltou á terra onde já fazia falta.

O carpinteiro teve que esperar muito tempo á entrada do Paraiso, porque S. Pedro não lhe queria abrir a porta.

Mas chegando aos ouvidos do Divino Mestre, as supplicas e orações do pobre homem, e compadecido d'elle, chamou S. Pedro e para o appacar, fez-lhe as seguintes reflexões:

—E' verdade que esse carpinteiro que aspira a entrar no Paraiso,

foi em vida um jogador, mas reconheçamos que foi fiel a sua mulher, emquanto ella viveu e mesmo ainda depois de morta; que cumpriu todas as obras de misericordia, e que implorou o meu nome. Abram-se de par em par as portas do ceu, para essa alma caritativa.

S. Pedro obedeceu e o nosso homem entrou no Paraizo. O bemdito S. José, Patrono dos carpinteiros, sahio a recebel-o, apertando-lhe a mão e felicitando-o por ter conseguido a salvação da sua alma.

(Trad.) *Jayme Quirino Chaves.*

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO ALEMTEJO

organizado por DIAS NUNES

(Continuação)

DCCLX

Com cinco réis de cigarros  
Arranjei 'ma namorada:  
Encontrei o meu pae - sogro,  
—Lá vae uma cigarrada!

DCCLXI

Inda que eu queira não posso  
D'amores fallar contigo:  
Eu tenho guardas á porta,  
Sentinellas ao postigo.

DCCLXII

Inda que eu queira não posso  
Deixar de ter-te affeição!  
Tenho-te tanta amizade  
Que não tem comparação!

DCCLXIII

Inda que eu queira não posso  
Olhar p'ara ti sem me rir:  
Tenho-te tanta amizade  
Que não a posso encobrir.

DCCLXIV

Minha sogra morreu hontem,  
Deus a leve ao paraizo!  
Deixou-me uma saia rôta...  
Não posso chorar com riso!

DCCLXV

Meu amôr é rico,  
A pobre sou eu.  
Co'a sua riqueza,  
Não o quero eu!

DCCLXVI

Meu bem, na cidade,  
Que estará fazendo?

—Se fôr alfayate

Ha-de estar cosendo.

DCCLXVII

—Ha-de estar cosendo,  
Fazendo serão,  
Pregando alamares  
No seu fragatão.

DCCLXVIII

Minha rosa branca  
Toda riscadinha!  
Dentro da minh'alma  
Tu el-a a rainha.

DCCLXIX

Maria mais Anna  
São primas carnaes;  
Que uma tem de menos,  
Tem outra do mais.

DCCLXX

Não caso porque não acho  
'Ma mulher a meu contento;  
Para mim nenhuma è bôa,  
Todas teem seu defeito.

DCCLXXI

Nas ondas do mar se cria  
Alcerim verde ás mãos chinhas.  
Tanto merecem a Deus  
As altas como as baixinhas.

DCCLXXII

Não ha nada que eu mais gôste  
Que è de ter muita rival:  
Diverte-se o meu amôr  
E eu tenho aonde pensar.

DCCLXXIII

Pela minha rua  
Passcia quem quer,  
Tanto faz ser homem  
Como ser mulher.

DCCLXXIV

Passa meu amôr  
De noite cantando:  
Eu oiço-lhe as vozes,  
Fico-me enlevando.

DCCLXXV

Pede-me a meu pae,  
Ao sahir da missa.  
Se elle não quizer,  
Requere justiça.

DCCLXXVI

Veio uma onda e me levou  
Aonde eu quiz ir parar—  
Aos braços do meu amôr...  
Não achei outro logar!

DCCLXXVII

Vi no jardim dos amantes  
Uma linda e meiga flôr—  
Puz-lhe no pé um letreiro:  
«Não me deixes, meu amor.»

DCCLXXVIII

Você diz que sim,  
Eu digo que ha-de



Lograr meus carinhos;  
Ha-de... ser mais tarde!  
DCCLXXIX  
Eu fui a S. Bento,  
Eu fui a S. Braz;  
Chegei á Boiada  
Voltei-me p'ra traz.

DCCLXXX  
Esses teus amores, todos,  
Chegam d'aqui a Lisboa!  
A tua louca cabeça  
Não vem dar em coisa boa...

DCCLXXXI  
Eu suspiro sem destino,  
Não tenho consolação!  
Oh amor, tem paciência...  
Tem dô do meu coração!

DCCLXXXII  
Eu sou sól e tu és sombra,  
Qual de nós será mais firme?  
Eu como sól a chegar-me,  
Tu como sombra a fugir-me.

DCCLXXXIII  
Eu tenho-te dito...  
Tu tens ateimado...  
Qualquer dia temos  
O caldo entornado!

DCCLXXXIV  
Eu hei-de ir um dia  
Passear ao lago,  
Espalhar as magoas  
Que em meu peito trago.

DCCLXXXV  
Deixa vir a primavera,  
Verás tudo felorido.  
Quem sãe aos seus não degenera,  
Toda a vida assim tem sido.

DCCLXXXVI  
D'estas todas que aqui estão,  
Qual é a minha cunhada?  
—E' aquella mais baixinha,  
De falla mais engraçada.

DCCLXXXVII  
Desejava de encontrar-te  
N'uma casa sem tijôlo,  
Que te qu'ria perguntar  
—Que te importa o meu namôro?!

DCCLXXXVIII  
Desejava de encontrar-te  
N'uma rua sem sabida,  
Que te qu'ria perguntar  
—Que te importa a minha vida?!

DCCLXXXIX  
Disseram ao meu amor  
Que eu lhe não queria bem.  
Essa ingrata que lh'o disse,  
Se o quer, ahí o tem!

DCCLXL  
Dá-me um beijo, dou-te dois:  
A minha paga é dobrada;

E' o dever de quem ama...  
Pagando, não deve nada!

DCCLXLI  
Das ruas que Sorpa tem,  
P'ra mim a que tom mais graça  
E' a da Porta de Beja,  
Desde o Arco até à Praça.

DCCLXLII  
Da minha janella á tua  
E' uma vara medida,  
Do meu coração ao teu  
E' uma estrada seguida.

DCCLXLIII  
D'aqui d'onde estou bem vejo  
Dois botões em meio d'abrir:  
São os olhos de meu bem  
Que para mim se estão a ir.

DCCLXLIV  
Bem pôde o sól abysmar  
Naas janellas da rainha.  
Eu venho aqui por teu amor;  
Diz'-me se queres ser minha!

DCCLXLV  
Bem podias tu, ingrata,  
Commigo ainda estar bem;  
Tua cabeça não quiz...  
Não te queixes de ninguém.

DCCLXLVI  
Adeus quinta de S. Braz,  
Adeus tanque do leão.  
Onde as moças vão balhar  
Quinta-feira d'Ascensão.

DCCLXLVII  
A rabaça tambem tem  
Repartimentos na folha.  
Toda a vida ouvi dizer:  
—Emquanto ha duas, ha escôlha.

DCCLXLVIII  
A paixão d'amôr  
Não mata ninguém;  
Quem se entrega a ella  
Juizo não tem.

DCCLXLIX  
—Aonde vaes tão tarde?  
Aonde vaes tão cedo?  
—Vou passar a calma  
Ao teu arvoredo

DCCL  
Aquella menina  
Do lenço encarnado,  
Já me perguntou  
Se eu era cazado.

DCCLCI  
Aquella menina  
Do lençinho branco,  
Já me perguntou  
—Se eu era do campo.

(Contiua)